

Sociabilidade Juvenil: contexto religioso e sua inserção social

Por Prof. Dr. Oneide Bobsin – IECLB-IEPG

Por Prof. Cat. Cláudio Giovani Becker – IECLB-DNAJ

Por Prof. Ms. Norberto Kuhn Júnior - IECLB-DNAJ

Resumo:

Este texto discute a relação entre os processos de sociabilização juvenil, mediados por *quadros referenciais religiosos*, definidos no âmbito da ética protestante-luterana (fundamento confessional da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) - e as implicações destes processos na construção de identidades e subjetividades juvenis. Apresenta os principais resultados da pesquisa nacional sobre o perfil do/a jovem luterano/a da IECLB¹, consolidando, pela primeira vez, um banco de dados e de informações sobre este público, podendo ser referência aos agentes sociais interessados em pensar a sociabilidade juvenil no amplo conjunto das ações emancipatórias.

Introdução

Esta pesquisa teve como foco de investigação os processos de sociabilização - mediados por quadros referenciais religiosos no âmbito da ética protestante-luterana - e as implicações destes processos na construção de identidades e subjetividades juvenis.

A relação das igrejas (como *agências* socializadoras) com a formação de identidades juvenis e, portanto, de distintas modalidades de consciência e prática social, em contextos sociais e culturais pluralizados, vem sendo colocada como preocupação central das políticas de intervenção de instituições religiosas que desenvolvem atividades de formação, como é o caso da pastoral jovem,

¹ Pesquisa realizada pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude em parceria com Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, da Escola Superior de Teologia - IEPG e com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS.

institucionalizada na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB² através do Departamento Nacional para Assuntos da Juventude - DNAJ³.

Para além destas demandas, definidas no campo das políticas eclesiais, a presente temática vem a integrar-se às atividades de investigação do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, da Escola Superior de Teologia - IEPG⁴, convertendo-se em campo específico de estudo na área da Ciências da Religião, no âmbito da linha de pesquisa: PRÁXIS TEOLÓGICA NO CONTEXTO PLURALISTA SÓCIO-RELIGIOSO. As atividades de pesquisa organizadas nesta linha pretendem alcançar a reflexão autônoma e interdisciplinar sobre temas do aconselhamento, da psicologia e da sociologia pastoral no contexto da teologia prática, bem como a integração de conteúdos fundamentais de teologia, psicologia, sociologia e antropologia.

A presente pesquisa, que esboça um perfil de Jovens Evangélicos Luteranos, aponta para a existência de modalidades de consciência centrada na idéia de *individuo* e na sua conformação em torno da *segurança* da casa, da família, da escola e do trabalho, mas também da Igreja. Diferente da apatia, esta *consciênciaconformada* impulsiona o jovem a agir, busca mobilizar recursos para uma vida melhor, principalmente através do estudo... o faz crendo exclusivamente nos seus atributos pessoais... Frente a um cotidiano que impõe limites de natureza sistêmica às suas expectativas e recursos pessoais (e que, na maioria das vezes, o faz sentir-se único culpado por seus fracassos), os discursos de conforto espiritual (segurança existencial

² Na atualidade a IECLB está presente em todos os Estados brasileiros, encontrando-se em 2.868 localidades do Brasil. Os membros da IECLB no país somam em torno de 1,2 milhão de pessoas. A maior concentração de comunidades da Igreja encontra-se na região Sul do Brasil. 54 % dos membros vivem em área rural. 87 % integram a Igreja por Batismo e 12 % por casamento ou profissão de fé ou ainda outra forma. (Dados obtidos no site www.ieclb.org.br)

³ O Departamento Nacional para Assuntos da Juventude (DNAJ) atua no trabalho entre jovens da IECLB, e também à nível ecumênico. Suas principais atividades são a formação de lideranças jovens, atualização de obreiros/as, elaboração de material e multiplicação de recursos e experiências, planejadas com o Conselho Nacional da Juventude Evangélica e realizada com outros setores da Igreja. (Dados obtidos no site www.ieclb.org.br).

⁴ O Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia - EST, com sede em São Leopoldo, existe desde 1982 e a linha geral de pesquisa que orienta os cursos é a Teologia Latinoamericana, subdividida em três áreas de concentração: Bíblica, Teologia-História e Teologia Prática. (Dados obtidos no site www.est.edu.br)

num presente incerto) assumem, paradoxalmente, muito mais sentido. Mas a pesquisa revela, também, movimentos de afirmação identitária voltadas ao reconhecimento do outro e do compromisso com o outro (ser humano, natureza), compondo estratégias alternativas à ideologia e às políticas da individuação (BOURDIEU, 1998⁵).

Mais do que respostas, com a finalização deste levantamento de dados, talvez tenhamos alcançado condições de compor uma *nova agenda de questões*, que necessitam de debates aprofundados entre os agentes religiosos e educadores ligados ao trabalho com jovens e adolescentes. Neste sentido, os resultados e entendimentos construídos a partir dos dados aqui apresentados não pretendem ser definitivos: serão tomados como referência para avançarmos na temática proposta, bem como propor novas questões, devendo, portanto, ser objeto de estudo e debate entre os/as jovens, obreiros/as, acadêmicos/as. Desse modo pretendemos oportunizar o debate e a reflexão crítica acerca da sociabilidade do jovem luterano, no contexto das suas vivências religiosas, a partir da problematização dos dados/resultados alcançados através da pesquisa⁶.

1. Considerações metodológicas

Constitui população desta pesquisa os/as Jovens de Confissão Luterana residentes no Brasil, de 14 a 25 anos, das Comunidades de Confissão Luterana no Brasil onde vem sendo desenvolvidas atividades/ações entre os/as jovens.

⁵ BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos – táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

⁶ Vamos considerar neste estudo as subjetividades e identidades moldadas a partir das concepções da sociologia clássica onde o “centro identitário” está colocado na interação (tensão) sujeito-sociedade. As identidades, neste caso, estão alocadas em *pontos sociais fixos*, e que, sob condição de modernidade radical, passam a sofrer desencaixes (GIDDENS. Antony. **As consequências da modernidade**. 2.ed. São Paulo: Unesp, 1991). Muito autores, ao se referirem aos desencaixes espaciais e temporais que atingem as identidades e subjetividades contemporâneas, situam tal discussão no quadro conceitual da pós-modernidade.

Com base nos dados do censo realizado pela IECLB em 1987, o número de indivíduos de 0 a 11 anos, e que hoje estariam na faixa etária de 14 a 25 anos, é de 122.664 pessoas o que representa 21,74% da população evangélica de confissão luterana naquele momento (564.546 membros)⁷.

Estes jovens estão distribuídos em 404 paróquias, sendo que em 335 delas existem grupo de jovens organizado. Nestas paróquias funcionam 786 grupos de jovens, sendo 369 (47%) deles situados no estado do Rio Grande do Sul.

Foram pesquisados, através de questionário com questões fechadas, 1.123 jovens luteranos/as de 14 a 25 anos, em todo Brasil. Esta atividade contou com o apoio decisivo de jovens voluntários/as, obreiros e obreiras, que auxiliaram na aplicação dos questionários entre os meses de julho de 2002 à junho de 2003. Uma vez que se contava apenas com apoio de jovens voluntários, sem familiaridade com a prática de pesquisa, optou-se por flexibilizar o critério de aleatoriedade, dando autonomia ao jovem voluntário na escolha dos casos para aplicação do questionário. Este procedimento viabilizou a realização da coleta de dados, mas fez com que os casos fossem selecionados, na maioria das vezes, dentre os próprios grupos de Juventude Evangélica (os grupos de JE). Em síntese, o critério de aleatoriedade na composição da amostra, foi substituído pela intencionalidade (amostra não-probabilística), ou seja, os aplicadores (na sua maioria jovens das comunidades) selecionaram jovens de sua própria comunidade em função do acesso e da disponibilidade destes jovens. Deste modo, os dados aqui apresentados devem ser considerados nas análises sob a seguinte perspectiva: os casos não são estatisticamente representativos do universo de jovens evangélicos luteranos⁸. São representativos apenas do segmento de jovens evangélicos luteranos que mantém alguma participação (ou envolvimento) das atividades das comunidades da IECLB.

⁷ Estima-se que hoje o número de membros esteja em torno de 1,2 milhões.(Dados obtidos no site www.ieclb.org.br)

⁸ A ato da "Confirmação" foi tomado como critério para definir o vínculo com a IECLB.

2. O perfil do/a jovem pesquisado:

A maioria dos jovens atingidos pela pesquisa (90%), definem-se racialmente como sendo brancos; 65,5 % são menores de 19 anos (13% com menos de 15); quanto ao gênero, temos um equilíbrio na distribuição da população pesquisada.

Tabela 1 - Ao falarmos em etnia/raça, você se define como sendo:

	Total	%
Branco	1016	90,5
Negro	24	2,1
Índio	4	0,4
Pardo	51	4,5
Não Sabe	23	2,0
Não Respondeu	5	0,4
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Tabela 2 - Faixa etária:

	Total	%
14 anos ou menos	148	13,2
15 a 19 anos	587	52,3
20 a 24 anos	265	23,6
25 a 29 anos	77	6,9
30 anos ou mais	22	2,0
Não Respondeu	24	2,1
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Tabela 3 - Gênero:

	Total	%
Masculino	556	49,5
Feminino	563	50,1
Não Respondeu	4	0,4
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Em sua maioria, são solteiros, vivem com seus pais (ou parentes) e em ambiente social considerado urbano; estão integrados a vida escolar com significativa participação nos níveis de instrução médio e superior.

Ao relativizar as suas condições econômicas ao lugar onde vive e às coisas que dispõem para viver, a maioria dos jovens tendem a considerar sua situação econômica como favorável. Esse dado, aliado aos altos níveis de educação formal, nos permite afirmar que os jovens entrevistados são, na sua maioria, representantes de segmentos sociais que genericamente podemos classificar como sendo de classe média. A maioria dos jovens trabalha participando do sustento econômico da família, mas um número significativo de jovens (43%) não trabalham.

Tabela 4 - Estado Civil:

	Total	%
Solteiro(a)	1016	90,5
Casado(a) formalmente ou vivendo com companheiro(a)	95	8,5
Viúvo(a)	1	0,1
Não Sabe	9	0,8
Não Respondeu	2	0,2
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Tabela 5 - Onde mora:

	Total	%
Na casa de seus pais, parentes	957	85,2
Sozinho(a)	26	2,3
Com amigos(as)	43	3,8
Com seu/sua esposo(a) ou companheiro (a)	86	7,7
Não Sabe	3	0,3
Não Respondeu	8	0,7
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Tabela 6 - O local onde você mora (residência) é considerado:

	Total	%
Meio Urbano	808	72,0
Meio Rural	297	26,4
Não Sabe	11	1,0
Não Respondeu	7	0,6
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Tabela 7 - Qual a sua participação na vida econômica familiar:

	Total	%
Não trabalha	485	43,2
Trabalha e recebe ajuda da família	333	29,7
Trabalha, responde por seu sustento e ajuda a sua família	184	16,4
Trabalha, responde por seu sustento e de sua família	51	4,5
É economicamente independente da família	58	5,2
Não Sabe	7	0,6
Não Respondeu	5	0,4
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Tabela 8 - Satisfação Sócio-Econômica (numa escala de 1 a 7):

	Total	%
1 - Muito desfavorável	11	1,0
2	16	1,4
3	72	6,4
4	393	35,0
5	356	31,7
6	186	16,6
7 - Muito favorável	45	4,0
Não Respondeu	44	3,9
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Tabela 9 - Escolaridade:

	Total	%
Nunca freqüentou a escola	2	0,2
1. Grau /E. Fundamental - Completo	74	6,6
1. Grau /E. Fundamental - Incompleto	125	11,1
2. Grau /E. Médio - Completo	285	25,4
2. Grau /E. Médio - Incompleto	388	34,6
3. Grau / E. Superior - Completo	30	2,7
3. Grau /E. Superior - Incompleto	158	14,1
Pós-Graduação Completa	5	0,4
Pós-Graduação Incompleta	4	0,4
Não Sabe	3	0,3
Não Respondeu	49	4,4
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

3. Uma possível crise das *agências socializadoras*

A problematização do tema, que foca a relação entre as ações socializadoras desenvolvidas entre os jovens, no contexto das Comunidades Evangélicas Luteranas no Brasil, e as modalidades da sua inserção e participação social na vida comunitária, insere-se numa ordem de questionamentos sociais que vem apontando para uma possível crise das *agências socializadoras* no desencadeamento de processos de sociabilidade juvenil. Instituições tradicionais como a família, a escola, o trabalho, vêm reduzidas as suas capacidades de *engajar* os/as jovens nos seus *projetos* institucionais.

Para embasar este argumento, replicamos o estudo realizado por Marília Pontes Sposito (1994)⁹, onde ela discute os novos espaços que os jovens, moradores

⁹ SPOSITO, Marília P. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. In. TEMPO SOCIAL; Revista de Sociologia. USP, São Paulo, 5(1-2):161 -178, 1994.

dos bairros periféricos das grandes cidades, buscam para construir suas identidades e gestar "diversas modalidades de sociabilidade".

Inicia seu argumento nos mostrando que a caracterização do jovem deve ser traçada sob o ponto de vista relacional, ou seja, "a partir de uma forma peculiar de relação eu ele mantém com o mundo adulto e, conseqüentemente, de sua busca de distância do universo infantil" (*Idem*, p. 163). Sua condição geracional é, portanto, essencialmente caracterizada pelo *estranhamento* que se define nesta relação. Outros elementos caracterizadores da condição juvenil ou, estruturadores da sociabilidade juvenil, são: busca de *autonomia* especialmente frente os laços de dependência da família; *transitoriedade* e *liminaridade*, ou seja, busca firmar possibilidade de escolha, vivência de situações limites, vivência de situações que negam as regras, expectativas e modelos dominantes de ordem e normalidade. Sposito aponta ainda, buscando melhor caracterizar tal condição juvenil, duas modalidades de reconhecimento juvenil, expresso na insegurança e na disponibilidade frente ao futuro (*Idem*, p. 163 - 165).

Como analisa a autora, o processo de saída do mundo da infância ocorre na interação contínua com um conjunto de "agências socializadoras" encarregadas de preparar os "imaturos para o exercício pleno da vida adulta". Tais agências são a família, o trabalho e a escola.

Ao longo do seu estudo, Marília Sposito irá sustentar que há um desencontro entre os projetos e modalidades de sociabilidade gestado por estas agência e as expectativas, experiências e demandas cotidianas dos jovens. Este "desencontro" configuraria o que estamos denominando aqui de *crise* na conformação da identidade juvenil nestes espaços tradicionais de socialização.

Diante dessa fragilização nos laços de interação, novas formas de sociabilidade nascem da socialização no mundo da rua. As esquinas, os pontos de encontro, "onde se desenvolvem as relações de amizade" e ocupação do tempo livre

conformam espaços privilegiados na construção de identidade coletivas e diversas modalidades de sociabilidade. Várias formas de ação e expressão juvenil são gestadas nestes novos espaços: a música, a dança, o esporte, e também a violência¹⁰ vão compor as estratégias de afirmação geracional e luta pela sobrevivência.

SE, no contexto estudado por Spósito (os jovens moradores dos bairros periféricos das grandes cidades), percebe-se a fragilização nos laços tradicionais de interação e o nascimento de novas formas de sociabilidade - especialmente ligadas ao mundo da rua, no contexto da juventude luterana percebemos que a CASA, a escola, o trabalho e mesmo a igreja, são por eles considerados espaços importante do seu cotidiano. Mesmo que reconheçamos os limites destas *agências* em responder aos anseios jovens elas ainda se colocam como decisivas na sua afirmação e sobrevivência. Devemos considerar que o público desta pesquisa, diferentemente da estudada por Spósito, é, na sua maioria, representante de segmentos sociais que genericamente podemos classificar como sendo de classe média; neste contexto é possível que encontremos uma maior correspondência entre o discurso elaborado por estas agência e sua capacidade de atender aos anseios juvenis, ou seja, o desencontro entre os projetos e modalidades de sociabilidade gestado por estas agência e as expectativas, experiências e demandas cotidianas dos jovens talvez seja menor.

Assim, para os jovens alcançados pela pesquisa (que são aqueles que, de algum modo, participam da vida da igreja) parece não ocorrer *crise* na conformação da sua identidade juvenil a partir destes espaços tradicionais de socialização.

A pesquisa revela que os principais espaços de interação e sociabilidade dos jovens pesquisados é a “CASA” (o lugar onde se mora!) situada e em contexto urbano: 85% dos/as jovens moram com seus familiares e ocupam seu tempo livre

¹⁰ Nestes espaços, segundo SPOSITO, os jovens "enfrentam os mecanismos da violência urbana e vivem, na luta pela sobrevivência, o confronto diário com os aparelhos repressivos". (SPOSITO, 1994).

ficando EM CASA “...junto dos seus familiares” e EM CASA “... com os/as amigos” (TABELA 10, abaixo).

Tabela 10 - Quando VOCÊ TEM um tempo livre (folga) com que frequência você costuma SE ENVOLVER em:

	Muitas vezes ou Sempre	Poucas vezes ou algumas vezes	Raramente ou nunca	Não Respondeu	Total Global	Média
Ficar em casa junto dos seus familiares	654	383	62	24	1123	2,54
Bate-papo na casa de amigos ou em sua casa	569	439	88	27	1123	2,44
Participar de atividades da Igreja (cultos, encontros de jovens, estudos bíblicos)	603	371	129	20	1123	2,43
Ficar em casa assistindo televisão e/ou ouvindo música	458	503	142	20	1123	2,29
Atividades de leitura (livros, revistas, jornais)	413	514	177	19	1123	2,21
Atividades esportivas	385	532	188	18	1123	2,18
Reunir amigos fora de casa (na praça, no posto de gasolina, na rua)	357	413	336	17	1123	2,02
Fazer passeios e/ou viagem	194	701	194	34	1123	2
Envolver-se em atividades de formação (estudar, grupos de estudo, pesquisa, palestras)	311	482	311	19	1123	2
Participar de trabalhos voluntários junto a instituições sociais e/ou religiosas	192	476	426	29	1123	1,79
"Navegar" pela internet (chats, jogos, leitura)	213	273	614	23	1123	1,64
Participar de atividades musicais (banda/canto/coral)	207	204	682	30	1123	1,57
Passear no Shopping Center	65	293	741	24	1123	1,38
Ir ao cinema	67	266	768	22	1123	1,36
Participar de manifestações coletivas (passeatas, caminhadas, comícios)	45	217	841	20	1123	1,28

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

A TELEVISÃO E A MÚSICA são os focos privilegiados da atenção dos/as jovens: atraem mais que a leitura, atividades esportivas, a rua, passeios, estudo, trabalho voluntário, internet, shopping, fazer música, cinema e passeatas e manifestações públicas. (ver TABELA 10 - acima).

Aproximadamente 56% dos jovens têm o seu tempo ocupado com o “trabalho”, tanto para complementar a renda familiar como para seu próprio sustento. Os índices de escolaridade, cerca de 75% dos jovens envolvidos no ensino médio e superior, indicam que as atividades de estudo (“ESCOLA”) envolvem intensamente os jovens entrevistados.

Convém lembrar, que a Igreja aparece como espaço, depois da escola e da casa, com um alto grau de importância na sociabilidade do jovem. (ver TABELA 11). Vimos também que a participação nas atividades desenvolvidas na “IGREJA” (Cultos, encontros de jovens, Estudos Bíblico - ver TABELA 10 - acima) também aparece entre as atividades com maior média de frequência de envolvimento dos jovens quando este dispõe de tempo livre.

Tabela 11 - Para cada item da lista abaixo dê uma "nota" de 1 a 7, segundo o grau de importância (Pouco Importante à Muito Importante):

	1	2	3	4	5	6	7	Não Respondeu	Total Global	Média
Escola	2	5	9	27	95	218	749	18	1123	6,49
Em Casa	3	5	18	64	119	251	639	24	1123	6,28
Igreja	7	14	20	62	98	246	648	28	1123	6,25
Local de Lazer	6	19	57	137	232	287	364	21	1123	5,62
Local de Trabalho	22	21	28	132	216	318	333	53	1123	5,60

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Os principais laços de confiança se estabelecem justamente com os sujeitos centrais nestes espaços de interação cotidiana: *os familiares, os religiosos, os amigos e professores* são os agentes sociais que obtiveram a maior média de confiança de uma lista de 16 agentes sociais, sendo que a média de confiança nos familiares ficou próxima da “confiança total”. (Ver TABELA 12).

Tabela 12 - Abaixo temos uma lista de AGENTES SOCIAIS que exercem diferentes papéis em nossa sociedade. Para cada item da lista abaixo dê uma "nota" de 1 (Não confio Nada) a 7 (Confio Totalmente), segundo a sua confiança neles:

	1	2	3	4	5	6	7	Não Respondeu	Total Global	Média
4. Familiares	4	3	9	28	46	214	797	22	1123	6,58
6. Religiosos (pastores, padres)	12	16	21	60	134	387	452	41	1123	6,01
5. Amigos/as	2	6	17	94	176	397	414	17	1123	5,97
1. Professores/as	18	19	45	183	357	330	159	12	1123	5,22
3. Colegas de Trabalho	14	27	98	251	357	255	73	48	1123	4,83
9. Colegas de Escola	18	40	95	272	349	242	84	23	1123	4,78
8. Assistentes Sociais	38	52	125	303	328	175	77	26	1123	4,52
16. Lideranças de Movimentos Sociais	56	66	118	316	297	184	68	18	1123	4,41
10. Cientistas	61	77	147	279	278	192	60	29	1123	4,33
11. Vizinhos	86	101	180	269	269	140	51	27	1123	4,06
12. Policiais	97	102	173	280	243	155	50	23	1123	4,03
13. Justiça (juízes, advogados)	83	117	170	271	274	144	39	25	1123	4,02
14. Imprensa (jornal, rádio, TV)	94	121	201	293	246	124	25	19	1123	3,86
15. Sindicalistas	104	98	193	330	255	93	19	31	1123	3,81
2. Empresários	73	116	217	375	221	86	11	24	1123	3,78
7. Políticos	392	254	200	163	64	15	4	31	1123	2,37

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

O fato da pesquisa revelar que os agentes religiosos gozam de alta confiança entre os jovens, e também a alta frequência de participação nas atividades desenvolvidas na “IGREJA” (Cultos, Encontros de jovens, Estudos Bíblicos) quando este dispõe de tempo livre (ver TABELA 11), deve ser relativizado, pois, como apontamos acima, a amostra foi composta por jovens ligados às atividades de sua comunidade religiosa.

Assim, se neste caso os dados nos permitem apontar para a centralidade da Igreja como um espaço na conformação de estratégias de afirmação identitária juvenil (espaço de confiança e laços de amizade) a mesma tendência não é percebida pelos/as agentes religiosos e jovens lideranças diretamente envolvidos nos trabalhos e cotidiano da ação pastoral.

A partir das suas vivências e experiências, relatados em encontros e seminários¹¹, eles nos revelam a sua preocupação com a redução do número de jovens que participam das atividades da comunidade. É igualmente sabido que a adesão (filiação religiosa) através do batismo - que é o principal critério de pertencimento a determinada denominação religiosa (e é este que compõe as estatísticas oficiais) - não tem correspondência efetiva com o engajamento dos indivíduos às atividades desenvolvidas pela comunidade religiosa.

No caso das religiões/igrejas, se tomarmos como referência indicadores estatísticos que apontam um crescimento expressivo, nos últimos anos, do número de jovens sem vínculo religioso (ALMEIDA e CHAVES, 1998)¹², podemos concluir por igual tendência à *crise* nos processos de socialização desenvolvidos pelas instituições religiosas.

Sobre filiação religiosa, assumimos o entendimento de Almeida e Chaves:

¹¹ Os resultados da pesquisa foram apresentados e debatidos em encontros organizados pelo DNAJ com agentes religiosos, jovens lideranças e pesquisadores do tema da juventude.

¹² ALMEIDA, Ronaldo R. M. e CHAVES, Maria Fátima. *Juventude e filiação religiosa no Brasil*. In. COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO - CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998, 2v.

"... a filiação religiosa ocorre basicamente por herança dos pais ou por adesão, que ao mesmo tempo significa uma desfiliação. Em outras palavras, ou ocorre como transferência intergeracional de um determinado conjunto de crenças, ou como ruptura com a religião dos pais devida à escolha de outra profissão de fé. Neste segundo caso, ressalta-se que a faixa de idade analisada (15 a 24 anos) compreende justamente o início da vida de uma pessoa em que se processam, de maneira mais consciente, as opções "existenciais" - dentre elas, a religiosa. É muito raro alguém, antes dos 15 anos, mudar de religião, rompendo com a crença dos pais. A juventude, de certa forma, dá início aos questionamentos à religião que podem resultar na desfiliação devida à conversão a outra fé, ou na simples auto-exclusão de alguma comunidade religiosa." (ALMEIDA e CHAVES, 1998, p. 672).

Entre os jovens (15 a 24 anos), depois do catolicismo, predomina justamente a não-filiação religiosa, "expressa em ateísmo, apostasia, agnosticismo, ou qualquer outra forma de exclusão ou auto-exclusão que retira a pessoa das atividades de uma comunidade religiosa". Dentre todas as mudanças religiosas a desfiliação foi a categoria que teve o maior crescimento (ver TABELA 14).

Convém observar que, na faixa etária do 15 aos 24 anos, apenas o catolicismo e o protestantismo tiveram um movimento declinante no número de adesões; todas as demais categorias religiosas tiveram um movimento de crescimento na representatividade juvenil. Muito embora a queda nos "movimentos de adesão" sejam mais significativos entre os católicos (9 pontos percentuais) que entre os protestantes (para este último temos uma redução de 0,1%) podemos, a partir do quadro geral, depreender uma tendência à redução.

Tabela 13 - Distribuição dos jovens, por religião, segundo grupo etário (15 - 24), no Brasil (1980 - 1991):

	1980	1991
Sem Religião	2,0	6,8
Católica	90,1	81,5
Protestante	3,1	3,0
Pentecostal	2,5	5,4
Kardecista	0,6	0,9
Afro-brasileira	0,5	0,5
Outras	1,3	1,9

Fonte: FIBGE, Censos demográficos de 1980 e 1991.

Tabela 14 - Índice de Crescimento na Década das Categorias Seleccionadas:

	1980/1991
Sem Religião	2,77
Católica	0,03
Protestante	0,11
Pentecostal	1,47
Kardecista	0,7
Afro-brasileira	0,12
Outras	0,61
Total	0,14

Fonte: FIBGE, Censos demográficos de 1980 e 1991.

De modo geral, tanto as estatísticas oficiais indicam, quanto os próprios agentes religiosos e jovens lideranças diretamente envolvidos nos trabalhos e cotidiano da ação pastoral, percebem a fragilidade das suas ações, na definição das identidades juvenis, a partir dos referenciais gestados nos seus espaços de trabalho. Ao mesmo tempo, os/as agentes religiosos/as não têm clareza quanto aos rumos do seu projeto institucional, nesse contexto de *descolamento* (auto-exclusão) dos jovens

das suas instituições religiosas de origem. Aqui, podemos retomar a discussão trazida por Marília Sposito e identificar um desencontro entre os projetos e modalidades de sociabilidade gestado pelos agentes religiosos e jovens lideranças e as expectativas dos jovens, configurando a *crise* na conformação da identidade juvenil neste espaço tradicional de socialização, que é a igreja.

4. A crença “em si mesmo” e os mitos da escola e do trabalho

No âmbito da crítica à modernidade, o simbólico e o *religioso* vêm igualmente sendo (re)dimensionados e (re)conceitualizados; pesa, aqui, contudo, a reflexão em torno do que Bauman (1998)¹³ chamou de "mal-estar da pós-modernidade": além de um exacerbado individualismo, uma forte preocupação com segurança pessoal.

Podemos observar as implicações destas *marcas* da pós-modernidade, no mundo da religiosidade juvenil e das ações pastorais neste campo, relacionando-as aos resultados alcançados em recente pesquisa sobre perfil de grupos jovens (RICCI, 2001)¹⁴, desenvolvida pela Regional Leste das Pastorais da Juventude da Igreja Católica (envolvendo os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo).

As principais conclusões a que chegaram os pesquisadores que analisaram os dados, apontam para a conformação e predomínio de uma cultura intimista - ou "ideologia da intimidade" - orientando as demandas e expectativas jovens, bem como as práticas pastorais. Ricci destaca como relevantes as seguintes hipóteses:

"... a) os membros dos grupos desejam uma experiência diletante da fé, sem compromissos sociais significativos. Procuram compreender a doutrina e filiação aos dogmas e rituais da Igreja; b) procuram filiar-se a um agrupamento "sem vícios",

¹³ BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

¹⁴ RICCI, Rudá. *Perfil dos grupos de jovem - análise sociológica da pesquisa realizada em Minas Gerais e Espírito Santos. PJ a caminho*. Instituto de Pastoral de Juventude. Porto Alegre: IPJ, n. 83, março/maio de 2001.

"correto moralmente", evitando perigos sociais; c) procuram uma experiência individual, íntima, de fé.

(...) Os temas seriam aqueles diretamente vinculados ao "pequeno" mundo dos participantes, e com alguma frequência, seriam construídas "situações de controle", justamente para que o grupo não se contamine pelo mundo externo. (RICCI, 2001, p.20)

Tal pesquisa, ao verificar que os grupos de jovens estão pouco presentes na vida da comunidade, faz mais do que revelar uma consciência juvenil intimista: apontam para um conjunto de vivências religiosas, que estão institucionalizadas em práticas e rituais de grupo, que não só afirmam, mas reproduzem o individualismo (em pequenos coletivos) como um dos principais ingredientes desta consciência.

Este padrão atual de consciência juvenil, vinculado à práticas eclesiais que as sustentam, configura um quadro de movimentação cultural que vem reforçando, dentro destes limites, a adesão de um *tipo* jovem ao mundo religioso; mas, como vimos acima, competem entre si outras e novas modalidades de *religiosidade* - igualmente pautadas pelo predomínio de uma consciência intimista - que *descola*, desvincula o jovem da religiosidade tradicional-formal, herdada de seus pais.

Identificando as modalidades de consciência e prática social juvenis resultantes do seu engajamento: As principais preocupações atuais dos/as jovens estão ligadas ao futuro e referem-se a estar preparado para enfrentá-lo (ver TABELA 15): primeiramente ter trabalho e por isso estão preocupados em obter formação (escolar) (55% dos entrevistados citaram esta preocupação); vêem o seu presente como tempo de assumir responsabilidades e compromissos ligados a preparação para o futuro (37%); ligado a esta ansiedade individual, 34% almejam, socialmente, um futuro melhor e para isso estão dispostos a contribuir para a construção de uma sociedade melhor (neste item reflete-se a ansiedade por melhores condições de vida). Depois destas preocupações, voltado às condições objetivas de sobrevivência (apesar de forte

conteúdo simbólico: ter formação, estar preparado), aparece a preocupação em “desenvolver vivências religiosas participando da vida na Igreja” sendo citado por 30% dos entrevistados.

Tabela 15 - Atualmente você anda bastante preocupado/a em(Questão de múltipla escolha):

	Total	%
Ter formação escolar/universitária para obter um bom emprego	621	55,3
Assumir responsabilidades e compromissos que o preparam para futuro	420	37,4
Contribuir para a construção de uma sociedade melhor	378	33,7
Desenvolver vivências religiosas participando da vida na igreja	339	30,2
Ter formação escolar/universitária para melhor exercer sua cidadania	276	24,6
Aproveitar e curtir o que a vida oferece agora	276	24,6
Estar por dentro dos acontecimentos políticos e dos problemas sociais que o Brasil enfrenta	245	21,8
Desenvolver minha espiritualidade	215	19,1
Poder tomar decisões e poder por si mesmo resolver seus problemas	210	18,7
Poder comprar as coisas que gosta	115	10,2
Tornar-se independente da família	109	9,7

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

O mesmo pode ser observado na TABELA 16, onde os cenários com os quais os jovens mais se identificam se referem a estar “se formando na universidade” e “com um bom emprego”; estes dois cenários, juntos, foram citados por quase 55% dos/as jovens entrevistados!

Tabela 16 - Destes cenários aquele com o qual você mais se identifica é:

	Total	%
formando-se na universidade	339	30,2
com um bom emprego	272	24,2
viajando pelo mundo	97	8,6
construindo sua casa própria	73	6,5
num trabalho voluntário	60	5,3
compondo/fazendo uma música	58	5,2
numa manifestação pelos direitos humanos	46	4,1
podendo comprar o que quiser	37	3,3
apresentando uma peça de teatro	31	2,8
escrevendo um livro	30	2,7
dirigindo um belo carro	24	2,1
numa manifestação ecológica	20	1,8
numa campanha política	4	0,4
Não Respondeu	32	2,8
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Posturas de independência com relação à família, tomada de decisão e de autonomia para resolver seus próprios problemas, aparecem com as menores frequências, indicando não serem preocupações prioritárias dos/as jovens pesquisados. Provavelmente não por não desejarem independência e autonomia, mas, talvez, por terem estas condições de autonomia suprida nas relações com seus pais ou responsáveis. Do mesmo modo, “poder comprar as coisas que gosta”, parece não estar entre suas principais preocupações (talvez por terem esta dimensão suprida por seus pais ou responsáveis).

Interessante observar que quando a formação escolar está relacionada ao exercício da cidadania, ela aparece com uma frequência 31% menor do que quando relacionada ao trabalho, o que revela um olhar pragmático da educação, voltado aos interesses pessoais/individuais (de preparação para o mercado de trabalho).

Outro aspecto relevante é despreocupação com os acontecimentos políticos (os políticos estão entre aqueles nos quais os jovens menos confiam!) e os problemas sociais enfrentados pelo Brasil (preocupação de apenas 22%), o que, contraditoriamente, não significa que não estejam preocupados em contribuir para a construção de uma sociedade melhor (34% estão preocupados em contribuir); é que a idéia de construir uma sociedade melhor resulta de uma percepção individualista de como se processam os fenômenos sociais, o que os faz crer que estes são dependentes exclusivos de suas ações individuais.

Esta perspectiva, de que a produção da vida social está centrada no indivíduo, nos é revelada especialmente através das TABELAS 17, 18, 29 e 30. Na TABELA 27, temos que 61 % dos pesquisados tem na ação individual (cada um faz sua parte) a fonte para a construção de uma sociedade melhor, mais solidária, enquanto que a fonte na organização coletiva é destacada por 36 %.

Tabela 17 - Uma sociedade melhor, mais solidária, se constrói:

	Total	%
Cada um <i>fazendo sua parte</i> E depende da organização coletiva, mas principalmente que cada um <i>faça sua parte</i>	689	61,4
Organizando-se <i>coletivamente</i> E Depende de cada um fazer sua parte, mas principalmente da <i>organização coletiva</i>	408	36,3
Independente das ações pessoais e coletivas	14	1,2
Não Respondeu	12	1,1
Total Global	1123	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

As TABELAS 18 e 19 revelam o entendimento de que o sucesso se relaciona aos esforços individuais e de que aspectos sistêmicos (estruturais) podem interferir, mas não impede que se progrida socialmente.

Tabela 18 - Qual sua Opinião sobre ter sucesso? Para cada afirmações da lista abaixo dê uma "nota" de 1 (Discorda totalmente) a 7 (Concorda Totalmente), segundo o seu grau de concordância:

	1	2	3	4	5	6	7	Não Respondeu	Total Global	Média
"Quem se esforça vai progredir; quem luta sempre alcança, mesmo que demore".	6	8	11	60	180	372	476	10	1123	6,07
"Quem se esforça pode progredir; pois o seu sucesso depende em boa parte da sociedade".	60	70	126	268	259	220	110	10	1123	4,52

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Tabela 19 - Qual sua Opinião sobre ter sucesso (%)

	1	2	3	4	5	6	7	Não Respondeu	Total Global
"Quem se esforça vai progredir; quem luta sempre alcança, mesmo que demore".	0,5	0,7	1,0	5,3	16,0	33,1	42,4	0,9	100,0
"Quem se esforça pode progredir; pois o seu sucesso depende em boa parte da sociedade".	5,3	6,2	11,2	23,9	23,1	19,6	9,8	0,9	100,0

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Os resultados organizados na TABELA 20, apontam que, caso ocorra algum fracasso, o culpado é a própria vítima, ou seja, se um jovem não alcançar sucesso na vida (sob o aspecto profissional e econômico) é porque, segundo mais de 50% dos jovens entrevistados, "não se esforçou" e porque "não teve confiança em si". Respostas que apontam para o reconhecimento de causas sistêmicas como "a

sociedade não garantiu oportunidades” e “o sistema econômico o excluiu”, aparecem com frequência inferior a 30%.

Tabela 20 - Sobre o futuro, na sua opinião, se um jovem não alcançar o sucesso na vida (profissional, financeira) será porque: (Questão de múltipla escolha).

	Total	%
Não se esforçou	608	54,1
Não teve confiança em si	605	53,9
A sociedade não garantiu oportunidades	335	29,8
Não teve confiança em Deus	329	29,3
O sistema econômico é que o excluiu	284	25,3
Faltou-lhe apoio da família	189	16,8
Não teve disciplina	122	10,9
Não teve competência	114	10,2
A escola não lhe preparou bem	106	9,4
Não teve sorte	103	9,2
Não foi vontade de Deus	82	7,3
Faltou-lhe apoio dos amigos	45	4,0
Não teve inteligência suficiente	38	3,4

Fonte: Pesquisa DNAJ/IEPG-FAPERGS

Podemos interpretar estruturalmente o fenômeno da individualização, tão presente nos discursos juvenis, como vimos acima, tomando como referência as análises de Bourdieu¹⁵, que aponta para este fenômeno como sendo uma das conseqüências de um “imenso trabalho político”, que visa converter um “programa científico de conhecimento”, uma teoria (um discurso), em programa político de ação; como nos diz Bourdieu , “visa criar as condições de realização e de funcionamento da ‘teoria’ - a realidade é conformada à teoria “pura”. O autor refere-se ao discurso neoliberal.

¹⁵ BOURDIEU, *op.cit.*

Criam-se condições para a teoria mediante programas políticos que são fundamentalmente orientados à “*destruição metódica dos coletivos*”. Os discursos e as práticas focam apenas o indivíduo, mesmo quando se trata de empresas, famílias, escolas, igrejas, sindicatos... Bourdieu suspeita que, pela primeira vez, uma *utopia* está em *vias de realização*, e neste caso, através da “*exploração sem limites*”.

O discurso neoliberal invoca, da teoria econômica clássica, a liberdade dos indivíduos; a afirmação do *ser individual* institui a prática de um mundo darwiniano, afirmativo da competição como um bem maior, que fragiliza todas as referências solidárias e coletivas. E, em meio a ilusão vivida de que o indivíduo é quem tudo pode (basta estar preparado e ser competitivo), ficam as decepções igualmente vividas, daquilo que Bourdieu chama de *violência estrutural*: do desemprego, da precariedade, do medo da demissão, da insegurança... e quanto mais os indivíduos se percebem diante desta violência, mais se deprimem, se estressam, sofrem; e mais recursos mobilizam em direção a sua individuação. O modelo que os faz crer que o indivíduo é quem pode, politicamente, os isola, os atomiza, desmobiliza e faz romper com a solidariedade.

Diante deste quadro, a afirmação da *solidariedade social*, e sua estruturação social mediante políticas de ação é uma *utopia realista* (GIDDENS¹⁶); são *contrafogos* (BOURDIEU¹⁷) ao mundo de sofrimento social na qual muitos dos nossos jovens estão lançados hoje. Um desafio para os que buscam outras utopias.

5. Considerações finais

Este conjunto de constatações, nos leva a refletir sobre o “lugar” da religião em contexto pós-moderno (multicultural, instável, diversificado), sobre a possibilidade de conformação de novas modalidades de *expressão religiosas* que

¹⁶ GIDDENS, *op.cit.*

¹⁷ BOURDIEU, *op.cit.*

podem estar *descoladas* das instituições convencionais. Nos faz pensar, igualmente, sobre o papel político, social e cultural da igreja/religião na gestão de projetos emancipatórios, especialmente aqueles que dizem respeito ao público jovem, mediados por políticas de ação pautados pela noção de solidariedade social.

Cabe ainda analisar, no contexto dos temas geracionais, a construção de identidades e afirmação de uma cultura juvenil sob o impacto de modalidades de consciências pautada por intensos processos de individuação. A medida que também se reproduzem no campo religioso, estes processos podem, tanto lançar o jovem em experiências religiosas que formam modalidade de consciência de *conformação* (GAIGER)¹⁸ ou seja, ações voltadas ao conforto espiritual, alívio, segurança, proteção (demandas da subjetividade contemporânea), quanto *descolar* o jovem (desvinculá-lo) de qualquer vivência religiosa institucionalizada numa Igreja¹⁹ fazendo com que o jovem pense seu mundo a partir referências seculares, porém igualmente mágicas, encantadas, como a da realização pessoal através do consumo de bens materiais de grande poder simbólico (um carro, por exemplo. Podemos dizer que neste caso ocorrem processos de *descolamento*: um movimento de substituição de referências, do religioso de base institucional, por outras referências seculares ou, ainda, outras formas de *religiosidade*²⁰, que colocam, para os agentes religiosos, a necessidade de repensar o "lugar" ou "não-lugar" do religioso na vida do jovem, no contexto da pós-modernidade²¹.

Podemos dizer então, que as mudanças culturais processadas no mundo jovem propiciam, senão uma ruptura, pelo menos um redimensionamento do dado

¹⁸ GAIGER, Luiz Inácio G. *Entre as razões de crer e a crença na razão. Mobilização coletiva e mudança cultural no campesinato meridional*. In.: **RBCS - Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 27, ano 10, fevereiro de 1995.

¹⁹ Uma *movimentação* cultural pode estar na base do que estamos chamando aqui de *descolamento* do jovem da vida religiosa institucional (sua desvinculação, auto-exclusão, desfiliação religiosa).

²⁰ Estamos sugerindo aqui a possibilidade de outras formas de expressão e manifestação simbólica descoladas das instituições religiosas tradicionais.

²¹ Ou contexto de "transição paradigmática", como defende Boaventura de Sousa SANTOS (2001).

religioso nas suas vidas; um tensionamento entre o religioso²² e as referências seculares.

Percebe-se ainda, que apesar da intensidade com que estes processos de individuação se reproduzem no cotidiano do jovem, e diante das inconsistências sistêmicas deste modelo – revelados pela intensificação das crises sociais que fecham perspectivas futuras (por exemplo, apesar de todo esforço pessoal, currículo acadêmico, domínio de língua estrangeira, informática, etc, o jovem se percebe diante de um mercado de trabalho que se comprime, ou que não valoriza seu trabalho – baixos salários) - podem se formar modalidades de consciência que permitam a definição do *ser eu* (minha identidade) mediante a afirmação do compromisso com a integralidade da vida (o outro - pessoas, natureza...), o que vem sendo chamado por alguns autores de consciência crítica - (GAIGER, 1994) e que resultam de mecanismos de reflexividade (GIDDENS, 1991) produzido pelas sociedade contemporâneas. Tais modalidade de consciência crítica também encontram nas instituições religiosas espaço de elaboração e desenvolvimento e devem invocar a solidariedade como valor social.

Frente as mudanças culturais, a "demanda face ao religioso" passa a ser de outro tipo, porque a religião "mudou de lugar e de função". Diante dessa mudança cultural, cabe aos agentes religiosos "reconhecer a pertinência e o espaço concedidos atualmente ao religioso". (GAIGER, 1994).

Diante deste quadro de filiação e desfiliação (*descolamento*), ambos processos pautados, predominantemente, por uma lógica individualista, é que nos colocamos a refletir sobre as possibilidades de práticas emancipadoras; tais práticas, contudo, vão exigir novos quadros de referências, negadoras do individualismo exacerbado, e centradas afirmativamente na solidariedade social e na democracia.

²² Cujo vínculo se dá, na maioria das vezes, por "herança" familiar.

Entendemos que a força exercida pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil na conformação da identidade jovem, mesmo que estabelecendo laços de interação instáveis, difusos e provisórios - uma vez que compete com outros quadros culturais de referência e que se realiza em contextos acentuadamente pluralista e crescentemente segmentado - vem definindo modalidades de práxis teológica emancipadora e que, portanto, apontam para modalidades de consciência crítica que primam pela inserção e participação do jovem na vida social, no compromisso ético com o outro, na elaboração da crítica social e na transformação do ser humano.

Neste campo utópico, partilhamos das palavras de José Vicente Tavares, e com as quais concluímos este relato de pesquisa:

"Desenhar novos horizontes para os jovens e adolescentes implica afirmar uma postura intelectual caracterizada por uma Pós-Modernidade Rebelde, a qual reconhece as profundas transformações sociais do capitalismo na era do globalismo, mas mantém, na linha histórica do pensamento insurgente que marcou a modernidade do século XX, ora findo, a perspectiva da crítica e da rebeldia intelectuais, desenhando projetos emancipatórios capaz de visualizar alternativas de sociedade. O sonho de uma sociedade democráticas, pós-moderna, multicultural, capaz de realizar, de modo radical, projetos sociais e políticos que reduzam a exclusão social, reconstruam a solidariedade e a dignidade humana, afirmando o respeito a diferença e a liberdade de ação coletiva. Nesta sociedade do Século XXI, os jovens e adolescentes certamente terão um lugar privilegiado, invertendo as relações sociais orientadas pela violência e reconstruindo a esperança de um novo mundo e de uma cultura da paz." (TAVARES²³, *Relatório Azul - 1999 -2000* , p. 375).

²³ SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Juventude, agressividade e violência*. In: RIO GRANDE DO SUL. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. COMISSÃO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS. *RELATÓRIO AZUL 1999 - 2000*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 2000.